

Nordestinos e sulistas: as mediações do viver entre mundos em Rolim de Moura (RO)¹

Joelma Renata Nunes da Silva

da Universidade Federal de Rondônia - Rolim de Moura - Rondônia - Brasil
joelma.renata@hotmail.com

Fernanda Alexandre

da Rede Pública Estadual de Ensino de Rondônia - São Felipe d'Oeste - Rondônia
Brasil
nanda_allexandre@hotmail.com

Avacir Gomes dos Santos Silva

da Universidade Federal de Rondônia - Rolim de Moura - Rondônia - Brasil
avagsantos@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo realiza uma abordagem sobre a (re)construção de mundos percebidos e vividos pelos nordestinos e sulistas, indivíduos de espaços e culturas distantes, mas, unidos pelo processo migratório de Rolim de Moura (RO). Vários nordestinos formaram o grupo da *frente de expansão*, por outro lado, os sulistas compuseram a *frente pioneira* (MARTINS, 2009). Entre os elementos a serem apresentados destacamos: as concepções, as representações, os imaginários e as práticas vivenciadas pelos nordestinos e sulistas durante o processo migratório e ocupacional do território de Rolim de Moura, por meio da análise das narrativas de histórias de vidas baseadas nos procedimentos da História Oral (MEIHY; HOLANDA, 2007). Assim, buscamos compreender as espacialidades geográficas contidas nessas narrativas e, identificar as influências culturais desses grupos à formação do município rolimourense.

Palavras-chave: Migração. Rolim de Moura. História Oral.

INTRODUÇÃO

As promessas realizadas pelo Governo Federal, no final de 70 e início da década de 80, do século passado, impulsionaram a migração para um território desconhecido, o “El dourado”. Para os nordestinos, Rondônia era o chão fértil, migraram para essa região em busca de algo imaginário, “a terra prometida”. Eles participaram da *frente de expansão* (MARTINS, 2009), a qual foi concebida para ocupar “os espaços vazios” da Amazônia.

Diferente dos nordestinos, os sulistas migraram para a região do Vale do Guaporé com o intuito de investir na economia local. Uma parte deles possuía reserva de capital que possibilitava investimentos no comércio, no setor imobiliário, na pecuária, na

¹ A primeira versão deste escrito foi apresentada em forma de resumo expandido, no XXII Seminário Final PIBIC/UNIR/CNPq, realizado nos dias 22 e 23 de julho de 2013, no Campus de Rolim de Moura, da Universidade Federal de Rondônia.

agricultura e na prestação de serviços. Além disso, outra parcela dos migrantes sulistas apresentava formação acadêmica, de tal forma ocuparam cargos públicos, uma das maiores demanda de emprego para um município, onde tudo ainda estava para ser feito.

Nordestinos e sulistas em contatos entre si e a população “tradicional” do Vale do Guaporé formaram o emaranhado de culturas, imaginários e representações que na atualidade constitui as particularidades do viver entre mundos: nordeste, sul e norte. O sonho que nos moveu em busca da narrativa das histórias de vida daqueles migrantes foi o de identificar e compreender as práticas e espacialidades vivenciadas pelos nordestinos e sulistas durante o processo migratório e ocupacional de Rolim de Moura².

Nossos primeiros “achados” e interpretações dessas narrativas orais estão apresentados neste escrito nas seguintes discussões: i) história oral: nossa guia nos caminhos do vale; ii) a terra prometida: o espaço de entrelaçamento de vidas; iii) frente de expansão e frente pioneira: as concepções do espaço rolimourense; iv) recorrências discursivas: as histórias de vida dos migrantes; e, v) espaços concebidos e vividos pelos narradores do Vale do Guaporé.

Por meio dessas nossas inquietações esperamos contribuir para que as histórias de vida daqueles que migraram para Rolim de Moura, no auge da colonização rondoniense, sejam registradas, a fim de que a sentença do tempo não permita que elas se percam no labirinto da nossa memória coletiva.

HISTÓRIA ORAL: NOSSA GUIA NOS CAMINHOS DO VALE

A pesquisa acadêmica é um processo que se realiza em nome de uma paixão. Embora saibamos que existem milhões de pensares que se opõem a nossa afirmativa. A escolha do “objeto” de estudo e a identificação do método de análise são processo mediados pelo bem querer do pesquisador.

Entre o objeto e o método, este é o mais complexo para ser definido. A questão não está em apenas identificar uma metodologia, mas uma que dê conta de captar as borboletas azuis sem ferir suas asas. Assim, escolhemos a História Oral para nos guiar nos caminhos do Vale do Guaporé³, em busca dos nossos colaboradores de pesquisa.

Recorremos aos aportes teóricos e metodológicos da História Oral por acreditarmos que esta abordagem contraria a história oficial e, privilegia as narrativas

² - Com uma população de 55 357 habitantes (IBGE 2013), Rolim de Moura é um município brasileiro do estado de Rondônia, que sustenta o 7º maior PIB de Rondônia, considerada pelos moradores e municípios circunvizinhos a capital da Zona da Mata Rondoniense.

³ - O termo Vale do Guaporé é utilizado para identificar a região geográfica, caracterizada como tal em função da bacia hidrográfica, na qual está localizado o município de Rolim de Moura.

como principal elemento de identificação dos excluídos sem vez e voz pelas análises historicistas. Ao privilegiar as narrativas como fonte valiosa a História Oral nos transporta frente ao outro por nos ignorado e, que se constitui “uma interpelação fortíssima” (VILANOVA; 1994).

A entrevista junto ao colaborador, a pessoa que se predispõe a contar sua história de vida é o momento decisivo da História oral. Porém, essa não se compõe de um questionário pronto e acabado, elaborado de tal forma para que o entrevistador responda exatamente o que o pesquisador quer ouvir. De acordo com Vilanova compreendemos que:

A entrevista significa realmente duas pessoas que estão se olhando. E é nesse olhar-se um ao outro que a fonte oral se justifica, porque constitui um processo de aprendizagem. [...] estamos conversando com pessoas que buscam diferentes conhecimento. E é nessa síntese nova que elaboramos através do diálogo, estamos convencido, e vivemos essa experiência do diálogo, que vamos mudar uns e outros (1994, p.47).

Na entrevista, por meio da História oral, não existe objeto de estudo de um lado e sujeito da pesquisa de outro. Nesse momento há o encontro entre duas pessoas, que se olham, falam, escutam, aprendem e se amalgamam num todo indivisível. O colaborador, narrador, frente ao oralista, pesquisador apesar de completos não são harmônicos ou iguais, mas se respeitam na condição da incompletude humana.

De acordo com esses preceitos colocamos a mochila nas costas e saímos a procura dos nossos colaboradores. Dentre os migrantes que chegaram no Vale do Guaporé escolhemos entrevistar dois grupos: i) as pessoas que foram designadas pelo INCRA, a ocuparem os lotes destinados para a produção agrícola e, que ainda hoje continuam com a posse dos lotes; e, ii) os que por outro lado, conseguiram um lote no espaço urbano da cidade de Rolim de Moura.

Para o desenvolvimento do nosso trabalho de pesquisa utilizamos as contribuições metodológicas da História Oral definidas a partir dos estudos de Meihy e Holanda (2007), os quais definem para tanto as seguintes etapas: entrevista, transcrição, textualização, transcrição, confirmação das entrevistas e análises.

As entrevistas em história oral são previamente combinadas com os colaboradores, os quais escolhem o local que melhor lhes convir. No primeiro encontro os envolvidos na pesquisa definem aproximadamente o tempo de duração da entrevista. A relação entre entrevistador/oralista e narrador/colaborador acontece por meio do diálogo, no qual a função do primeiro se resume a uma escuta atenta à fala do segundo.

A priori não temos um quantitativo de encontros que devem ser realizados com os nossos colaboradores. Cada pessoa é um universo. Assim, o tempo da entrevista é o tempo devagar, pois ao perceber a pressa do outro o colaborador tende a se calar. A oportunidade de ouvir uma bela história ficará suspensa no tempo da memória.

Além do gravador, da máquina fotografia o oralista carrega sempre o seu caderno de campo, no qual registra suas impressões sobre a dinâmica das entrevistas: a receptividade do colaborador, a relação espaço temporal vivida pelo narrador, os cheiros, sabores, risos, pausas, lágrimas, gestos, olhares, recuos e aproximações, indicadores da oralidade, que não são captados pela máquina, mas que compõem fios importantíssimos para que o oralista consiga, durante a etapa da interpretação “espaçar” do labirinto da história de vida do narrador.

Ao término da entrevista tem se início a transcrição. O momento que a oralidade se materializa por meio da palavra escrita. A narrativa da história de vida do colaborador ganha corpo no texto impresso no papel. Esta é a etapa do trabalho árduo. Uma única entrevista será ouvida inúmeras vezes.

Por mais cuidados que se possa ter na hora da gravação sempre há situações que não podem ser controladas pelo pesquisador: ruídos, interrupções, as chuvas torrenciais amazônicas, que chegam e passam rápidas e às vezes demoram uma tarde inteira, os cães ladram, o vizinho chega para conversar, a buzina insistente de uma biz, que não para de tocar. Todas essas improvisações irão atrapalhar de uma forma ou de outra a qualidade sonora da entrevista. O que conseqüentemente irá custar horas e horas à fio do trabalho, a fim de garantir a fidelidade da fala e “interfalas” do narrador e do cenário da entrevista.

Com a transcrição fechada começa a textualização que consiste em “limpar” o texto para aproximá-lo da estrutura escrita. É permitido nesse momento retirar as ideias e palavras repetidas e os interconectivos. Os elementos que não mutilam o sentido da narrativa podem ser suprimidos do texto, para que esse ganhe maior possibilidade de futuras (re)leituras.

Na transcrição o oralista lapida a narrativa do colaborador. Como um verdadeiro deus ele vai organizando o “caos”, por meio de uma ordem que lhe é peculiar. As ideias são amarradas, o tempo da narrativa ganha certa linearidade. A beleza da fala se transforma na boniteza da escrita. Nesse processo, no momento da confirmação da entrevista o colaborador dará a palavra final, de aceite, caso se identifique com o texto final.

Após o tratamento das entrevistas a interpretação ocorre por meio de inúmeros caminhos, de acordo com os interesses da pesquisa. Os quais primam acima de tudo pela ética profissional e humana, que não fira os princípios de vida do nosso colaborador e do próprio pesquisador.

No nosso caso, procuramos identificar as ideias recorrentes apresentadas nas narrativas pelos migrantes nordestinos e sulistas, além dos lapsos de memória, do não-dito, das lacunas, do dito de forma inconsciente, do falado na lucidez da razão. Tudo

expresso de forma única e simultaneamente tão igual ao outro narrador, que separados entre mundos estão unidos na grande viagem humana em busca da completude.

Assim, a História Oral se faz pelo pesquisador e narrador, ambos, sujeitos da história que se cria por meio de deduções, induções e intuições. Nada é posto ou dado de antemão. No falar e no escrever se constrói o produto final da narrativa, que representa um mundo de subjetividades, sonhos, desejos, lágrimas, alegrias, tristezas e possibilidades da vida que foram ou deixaram de ser vividas. Captar o significado dessas existências é a luta eterna do pesquisador com o outro e consigo mesmo.

A TERRA PROMETIDA: O ESPAÇO DE ENTRELAÇAMENTO DE VIDAS

Em geral as culturas necessitam de um mito fundador para compreender e legitimar sua gênese. No Brasil, o mito fundador é transmitido pela história oficial na imagem do “herói” e, quando necessário for do “bandido”, ambas necessárias para corroborar a dominação e exploração social.

O Estado de Rondônia tem como mito fundador a figura do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Na época da elevação do Território Federal do Guaporé⁴ para categoria de Estado foi sugerido o nome de Rondônia em homenagem a aquele personagem. Marechal Rondon é citado na história oficial como o herói, o pacificador dos índios. Essa imagem foi criada para ser amada e reconhecida pela população (SANTOS SILVA, 2011).

Rondon recebeu a missão de abrir a linha que definia o traçado por onde iria passar as redes telegráficas com objetivo de estabelecer a interligação entre o norte e sudeste do país. Essa estratégia contribuiu significativamente para que as primeiras levas de migrantes adentrassem a região amazônica, formando o contingente da “frente de expansão”, num primeiro momento e num segundo da “frente pioneira” (MARTINS, 2009).

Após esse período de ocupação os projetos de colonização desenvolvidos pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) determinaram sob medida, o processo migratório rondoniense. O Governo Federal, por meio do instituto incentivou a ocupação do espaço rondoniense. De acordo com Santos Silva: “além da reconfiguração espacial aos projetos estava subjacente um ideal de sujeito que deveria dominar os espaços concebidos para ocupação e desenvolvimento de Rondônia” (2011, p. 97).

⁴ O antigo Território do Guaporé, foi criado pelo decreto-lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943. Tempos depois, em função da marcha para o oeste, pela Lei de 17 de fevereiro de 1956 passou a se denominar Território Federal de Rondônia, em homenagem a Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

Movidos pelas propagandas de fácil acesso à terra, os que migravam para à região enfrentaram muitas dificuldades para conquistar e manter a posse do lote. Pois, sofriam pressões de fazendeiros, grileiros e mesmos de colonos que poderiam invadir e tomar suas terras. Assim sendo, mesmo sem ter condições os migrantes tinham que atender as exigências do INCRA, desmatar e cultivar a área.

A ordem governamental era desmatar para ocupar “o espaço vazio” da floresta. Essa era uma das determinações impostas pelo INCRA para garantir a liberação e a permanência no lote. “Após a demarcação do lote realizada pelos técnicos do INCRA, a primeira tarefa era queimar árvores, derrubar a floresta” (SANTOS SILVA; 2011, p. 109).

Durante o período das décadas de 1970 e 1980 o programa do INCRA denominado de Projeto Integrado de Colonização (PIC) visava à ocupação do interior do estado, incluindo a região do Vale do Guaporé⁵.

Nos apropriamos do conceito de território para analisar as relações e conflitos de terra gerados durante o PIC. Neste sentido, entendemos território, como a porção do espaço que envolve a posse por um determinado grupo ou indivíduo, e assim sendo, implica nos conflitos pela garantia da terra, tanto entre os migrantes e a população “tradicional”, quanto entre os próprios grupos que vieram de fora.

O processo migratório para a região do Vale do Guaporé ocorreu, principalmente por pessoas vindas da região nordeste e sul, que fugindo dos problemas sociais, como a seca e o latifúndio respectivamente, buscavam em outras terras meios para melhorar de vida.

A região sul, dominada pelo latifúndio, não atendia mais as expectativas de acesso aos bens de consumo da época da classe média e média baixa. Por isso, os que dispunham de uma formação técnica ou acadêmica ou de reservas financeiras migraram na esperança de aumentar o poder aquisitivo para em breve retornar a terra natal. Este grupo formou “a frente pioneira” (MARTINS, 2009).

Já os nordestinos não tiveram outra opção senão adentrar a “mata virgem” e enfrentar as intempéries da floresta amazônica para fugir das secas, que lhes tomavam toda a plantação. O sonho da conquista de um pedaço de terra suficiente para alimentar e aconchegar a família moveu a vinda dos migrantes nordestinos para Amazônia. Assim, constituíram de acordo com Martins “a frente de expansão” (2009).

Os grupos de migrantes nordestinos e sulistas, em momentos históricos diferentes, por motivos pessoais ou impostos pelas condições de vida, ambos foram

⁵ Na atualidade, a região do Vale do Guaporé compreende os seguintes municípios: Rolim de Moura, Novo Horizonte, Alta Floresta, São Miguel do Guaporé, Seringueiras, Cerejeiras, São Felipe d'Oeste, São Francisco do Guaporé e Costa Marques.

desterritorializados espacial e culturalmente. Assim, longe da terra natal, num novo espaço geográfico (re)construíram novas espacialidades e territorialidades (HAESBAERT, 2002).

Os grupos que já habitavam o Território do Guaporé: índios, extrativistas, seringueiros, estes conhecidos como soldados da borracha durante o período da segunda guerra mundial, e os migrantes sofreram um “choque” cultural, ao se depararem com modos de vida, práticas, ideias, atitudes e comportamentos que se contrapunham de forma opostas quanto às percepções de vida, da natureza, espaço e tempo.

Nesse emaranhado de muitas culturas os habitantes de Rolim de Moura vivenciaram momentos de harmonia, conflito, trégua, acordos e desacordos (re)construíram suas espacialidades por meio da desterritorialização das populações “tradicionais” e reterritorialização daqueles que formaram a frente pioneira.

FRENTE DE EXPANSÃO E FRENTE PIONEIRA: AS CONCEPÇÕES DO ESPAÇO ROLIMOURENSE

O processo de colonização da região amazônica que se intensificou com os programas do INCRA, contou inicialmente com o grupo denominado de frente de expansão e por fim, com o contingente da frente pioneira.

Os representantes do primeiro grupo ao migraram para a região do Vale do Guaporé abandonaram o pouco que tinham para desafiar a imensa floresta amazônica, boa parte desses migrantes apenas ouviu falar de Rondônia, mas não sabia realmente o que encontraria por essas terras.

A propaganda de que Rondônia era o lugar para a solução de todos os problemas, realizada pelo estado, amigos, parentes e conhecidos foi um dos motivos que influenciou a migração da frente de expansão. De acordo com o nosso colaborador José Alves da Silva⁶: “[...] A gente ouvia falar era boato do povo mesmo, que tinha gente de lá, que era fazendeiro aqui, que ia buscar gente de lá pra trabalhar [...] ouvia fala que Rondônia era bom de fartura”.

Ao contrário, os sulistas, que compunham a frente pioneira, migraram para Amazônia pela falta de oportunidade de empregos e investimentos na região de origem e, também influenciados pelas propagandas da época. A senhora Pereira⁷ nos narra sua experiência ao migrar para o Estado de Rondônia:

⁶- Relatos da história de vida do colaborador José Alves da Silva, em entrevista realizada durante trabalhos de campo no decorrer do ano de 2012.

⁷- Relatos da história de vida da colaboradora Marta Amarelho Pereira, em entrevista realizada durante trabalhos de campo no decorrer do ano de 2012.

[...] Viemos pra cá através de um rapaz que se formou com meu ex-marido, [...] os avós dele moravam na linha [...] cento e oitenta e oito. E ai dizia: “a gente tem que ir pra Rondônia, tem que ir pra Rondônia”. Quando somos recém formado ficamos naquela agonia, que é a pior fase da vida, entrar na faculdade é uma maravilha comparando-se com o fato de você estar formado e ter que trabalhar, porque já é profissional. Foi por esse meio que viemos pra cá (2012).

Diferentemente dos nordestinos, os sulistas queriam encontrar uma localidade onde conseguissem um emprego ou pudessem aplicar o capital reserva em investimentos. Anteriormente, os migrantes do nordeste vieram em busca da garantia de subsistência, o dinheiro adquirido com a venda dos poucos bens foi empregado na viagem. Quando aqui chegaram se viram apenas com a força de trabalho para dar continuidade a subsistência e a luta pela conquista da terra.

A condição social vai caracteriza os nordestinos como formadores da frente de expansão e os sulistas como constituidores da frente pioneira no processo de colonização do Vale do Guaporé. Conforme Mondardo e Goettert (2007, p. 48-49):

[...] a frente pioneira não é apenas o deslocamento de sujeitos para um espaço novo e “vazio”. Esta é, também, a frente do “pioneiro inovador”, do sujeito capitalista que produz para o mercado, do espaço e do tempo moderno que induzem a modernização, da instauração de máquinas e de técnicas avançadas [...]. Na frente de expansão as relações sociais fundamentais não são determinadas pela produção de mercadorias, pois a apropriação das condições de trabalho, ou seja, da terra, não se realiza como empreendimento econômico.

Assim, a diferença crucial entre a frente de expansão e a frente pioneira é a concepção do valor da terra. Os migrantes nordestinos estabeleceram com a terra um valor de uso. A terra é o elemento fundante para a sobrevivência do grupo, o que irá aproximá-los das populações locais: os grupos indígenas e as populações ribeirinhas. Esta compreensão sobre o uso da terra pelas frentes expansionistas é corroborado por Martins:

A frente de expansão está mais próxima das relações servis de trabalho do que as relações propriamente capitalistas de produção. [...] Têm sido características da frente de expansão, no Brasil, a ausência da propriedade formal da terra, esta última constituída de simultâneos direitos de posse e domínio (2009, p. 163).

Os nordestinos vieram para trabalhar na profissão que já exerciam no lugar de origem, não tinham capital para grandes investimentos, porém eles não desistiram de lutar para conseguir um pedaço de terra. A frente de expansão, segundo Martins: “[...] se movia, e excepcionalmente ainda se move, em raros lugares, em consequência de características próprias da agricultura de roça” (2009, p. 149).

Os nordestinos que migração para região amazônica foram empurrados pela seca e, movidos pelo sonho de uma vida melhor, um lugar onde pudessem plantar e colher.

Conforme a narrativa do senhor Silva: “[...] lá a gente trabalhava o ano todinho, na época de fazê o que come não tirava nada da roça, é que não chovia” (2012).

Os migrantes do sul, representantes da frente pioneira, se moveram muito mais em função do valor de troca da terra. Como nos narra a senhora Pereira: “eu já tinha as minhas reservas, mas ele não tinha nada, veio com a “cara e a coragem”. Trabalhou muito, muito. Depois, com aquela ideia, de que vir pra Rondônia tinha que ter terra, foi pegar um pedaço de terra lá em Seringueiras” (2012).

Quando os sulistas chegaram a esse território a frente de expansão já havia se instalado. Em função da falta de condições sociais muitas vidas foram ceifadas por causa da malária. Desprovidos de investimentos financeiros, em meio a floresta e sem recursos para escoar a produção outros tantos se viram obrigados a vender os lotes quase de graça ou abandoná-los em definitivo. Mais uma vez os nordestinos foram desterritorializados. Os que conseguiram permanecer enfrentaram além das intempéries naturais as constantes ameaças de fazendeiros e grileiros.

Quando a frente pioneira se deslocou para Rolim de Moura, boa parte da extensão de terra já tinha sido demarcada. Conforme Martins.

A partir de 1943, a frente pioneira que em outras regiões se movia impulsionada pelos interesses imobiliários do grande capital, das empresas ferroviárias e da grande agricultura de exportação, como o café no Sudeste, na Amazônia passa a depender da iniciativa do governo federal. Ela se torna a forma característica de ocupação das novas terras. [...] Nesse quadro, o deslocamento da frente pioneira sobre as terras já ocupadas pela frente de expansão foi acelerado e deu à superposição dessas distintas frentes de ocupação territorial uma violenta dimensão conflitiva. Tornando-se frequentes e numerosos os despejos violentos e dramáticos de posseiros das terras que ocupavam (2009, p. 153-154).

A finalidade da migração dos pioneiros estava vinculada ao capital, o que permitia várias possibilidades de investimento na agricultura e pecuária. A frente pioneira, com acesso mais facilitado aos créditos bancários e maiores condições de investimento privado se apropriou dos espaços urbanos de Rolim de Moura, onde alavancaram o comércio e a prestação de serviços públicos e privados.

Na atualidade, os chamados pioneiros se reconhecem e são reconhecidos como as pessoas que construíram a cidade de Rolim de Moura e, se tornaram bem sucedidas. Enquanto isso, a história de vida dos migrantes da frente de expansão vai se perdendo na areia movediça do tempo.

RECORRÊNCIAS DISCURSIVAS: AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS MIGRANTES ROLIMOURENSES

Como destacamos anteriormente a análise das histórias de vida, por meio dos procedimentos da História Oral, que acreditamos fazer, não se preocupa em buscar a “verdade” entre os narradores ou contrapor a fonte oral com a fonte documental, como se esta fosse mais importante, cabendo a primeira apenas o preenchimento de lacunas da história oficial.

Acreditamos que as fontes orais, as narrativas, as histórias de vida são tão importantes quanto qualquer outra forma de registro escrito. No entanto, a universidade na busca incessante pela cientificidade acabou por ignorar a oralidade, caracterizando-a como elemento de menor prestígio. Como bem pontua Vilanova:

[...] a subjetividade criadora da fonte oral tem de ser defendida [...]. A fonte oral exhibe, além disso, a força de todo destino pessoal, e exhibe uma argumentação simples, com a qual a academia não está habituada, porque familiarizou-se com a prática de complicar o argumento e satisfazer-se com cronologia pessoal, a cronologia excessivamente linear da história até agora escrita (1994, p.48).

Não há uma escala de valoração entre a oralidade e fontes oficiais, mas apenas uma opção de pesquisa, considerada como científica, que privilegiou uma em detrimento da outra. Sem a intenção de negar o valor da pesquisa científica, escolhemos as narrativas das histórias de vida por considerá-las como elementos importantíssimos para compreendermos as formas de ocupação espacial de Rondônia.

Para a realização da nossa interpretação selecionamos para este artigo as falas recorrentes de nossos colaboradores, ou seja, os fatos que se repetem com maior evidência nas histórias de vidas dos migrantes da frente de expansão e da frente pioneira. Dentre esses elementos destacamos: o sonho de conquista da terra, as dificuldades de infraestrutura da localidade e, o perigo de contágio da malária.

Tanto os nordestinos como os sulistas relatam suas experiências sobre a conquista da terra. Para o primeiro grupo esse processo foi muito mais dificultoso. Eles enfrentaram a ferrenha burocracia do INCRA, as idas infundas a cidade de Cacoal, sede do instituto. Na atualidade, uma distância de 60 km, realizada em 45 minutos em média, na época da ocupação se levava em média dois dias. Boa parte desse percurso era feito a pé pelos migrantes, com os pertences carregados nos cacaios⁸.

⁸ O termo cacaião aparece em outras obras, a exemplo de Lopes (2005) grifado como cacaiiros. No entanto, neste escrito optamos pela grafia cacaião, pois desta forma que foi expressa pelos nossos colaboradores de pesquisa. O cacaião consistia no uso de uma calça jeans, que era fechada na cintura e parte das pernas amarradas nos braços. Desta forma, o cacaião formava uma mochila para ser transportada nas costas carregada de vários pertences.

Depois da institucionalização da posse do lote, ou durante esse processo os componentes da frente expansionista tinham que garantir essa conquista, que era violada constantemente pela ameaça dos grileiros, fazendeiros ou pequenos produtores que esperavam avidamente pela liberação de um lote por parte do INCRA.

A corrupção dentro do próprio INCRA, pelos seus técnicos, que aceitavam propina para reserva ou liberação de um lote era outro empecilho vivenciado pelos migrantes da frente de expansão. Sobre este aspecto de forma precisa seu Silva no relata: “No tempo que nós chegamos, pra arruma terra no INCRA, tava difícil, porque eles só falavam que tinha que espera vim uma ordem de fazer inscrição. [...] E eles dava terra á quem tinha dinheiro, o cara dava uma groja [...].” (2012).

Nos primeiros anos da colonização de Rolim de Moura a malária era a doença que dificultava muito a vida dos migrantes. Ela imobilizava as pessoas devido à febre e fortíssimas dores nas articulações. Contrair malária era como uma sentença que se repetia por várias vezes para aqueles que adentravam a mata para derrubá-la e queimá-la. “O meu marido pegou, acho que, umas três malárias. Eu me vi livre da malária, nunca peguei ela né!” (PEREIRA, 2012).

Se por um lado a malária ‘escolhia’ as suas vítimas, as dificuldades advindas da ausência da infraestrutura, os serviços básicos de saúde, educação e transporte, afetavam tanto os nordestinos quanto os sulistas. Segundo o senhor Silva.

[...] pra chega na BR era 23 quilômetros, hoje é 13, porque é em linha né!?. Naquele tempo era 23, e era de à pé mesmo, não tinha conversa né!?. Quando nós entramos no lote, que eu fiquei trabalhando pra fora, pra traze as coisa de maior necessidade pra casa, eu cansei de atravessa aquele rio com agua por aqui, que a água transbordava pro outro lado do rio, e num tinha outro caminho pra gente passa. Quando tava com muita água era intemió de anda do que quando era só na lama, porque na água firmava mais, na lama escorregava né!? (2012).

As dificuldades de transporte se davam pela falta da prestação desse serviço pelo governo ou por uma empresa privada. Os entraves eram acentuados pela distância entre os lotes e as linhas. Essas formas de configuração espacial foram, inicialmente, marcadas apenas por uma picada aberta no meio da mata.

De acordo com o nosso colaborador, que conseguiu o seu lote na “Capa Zero”, uma localidade há 25 km de Rolim de Moura, ele percorria esta distância para levar o pouco daquilo que produzia para ser vendido na cidade. Ela saia de casa as 4 horas da manhã e tinha que voltar no mesmo dia. “[...] Pra ir pro Rolim era de à pé, pra vorta também, com o cacaiona cabeça” [...] O cacaió é o seguinte: ponhava um tanto de coisa, dentro de um saco, que você aguentasse leva, na distância que você ia andar né!?” (SILVA, 2012).

Os sulistas enfrentaram de forma mais acentuada as dificuldades de infraestrutura de Rolim de Moura, que até o final da década de 70 do século passado não era mais que um núcleo urbano (NUAR), implantado pelo INCRA para atender as necessidades a população rural. De acordo com Pereira:

[...] Chegando aqui, não tinha água, nem luz, quase toda as pessoas já sabem como é esse início. Ai morava numa casa alugada, lá perto do “Aluísio”, tem até hoje aquela casinha lá, e a gente quando saia de noite tinha que voltar bem cedo, porque a energia acabava meia noite, quem tinha energia em casa (risos) (2012).

A falta das condições básicas da nova cidade marcou de forma significativa a vida das pessoas que vieram de outros estados sulistas, onde a oferta dos serviços básicos já era realidade. Além disso, o processo de adaptação desses indivíduos foi cheio de aventuras para uns e, desesperador para outros. Mais uma vez nossa colaboradora nos narra:

[...] aqui onde eu moro, não tinha nada, nada, era só mato, então a gente não consegue nem imaginar, eu prá chegar aqui, quando meu marido comprou essa área, uma área bem grande, tínhamos que vir por aquela rua principal lá, tentando achar [...] a gente quando saia de noite tinha que voltar bem cedo, porque a energia acabava meia noite, quem tinha energia em casa (risos)” (PEREIRA, 2012).

Devido a esses fatores muitos dos migrantes, nordestinos e sulistas, principalmente os com filhos pequenos se preocupavam quando encontravam uma localidade tão desassistida. De acordo com a Senhora Pereira: Quando parei, na frente dessa casa, com uma criança pequena, eu não gosto nem de pensar (risos). “Eu não vou descer aqui não”, ai desci.” (2012).

Nesse árduo processo de adaptação os migrantes tiveram que recorrer à ajuda mútua. Segundo Scuro: “acentua-se nesse contexto o valor da solidariedade e a participação de todos nos frutos do esforço cooperativo” (p. 114, 2004). Esta ideia é confirmada por Pereira: “era muito comum na época, puxar rabicho de energia. A água tinha que se virar, passei bastante tempo pra ter água canalizada, a água era do poço da vizinha, ali na frente” (2012).

Para se habituar e sobreviver nesse novo espaço os migrantes nordestinos e sulistas também contavam com a colaboração dos que já haviam se instalado na localidade pouco antes. Além desse objetivo, os sulistas, a fim de manter sua identidade cultural fundaram na cidade de Rolim de Moura o Centro de Tradição Gaúcha (CTG).

A organização social dos migrantes do sul por meio do CTG vai colaborar na disseminação da cultura e tradição gaúchas, como era de se esperar. Em Rolim de Moura, no entanto, eles conseguiram mais que isso, definiram a ocupação espacial da cidade,

marcaram as espacialidades na forma de construção das residências, influenciaram na alimentação, na religiosidade e nas festividades.

Os nordestinos não possuíam nenhuma forma de organização social. Cada um lutava sozinho para manter a posse do lote e a sobrevivência da família. Dessa forma, processo de adaptação foi mais complexo para o grupo, pois além de serem “expulsos” da terra natal, ao chegarem a terra prometida foram desterritorializados culturalmente.

ESPAÇOS CONCEBIDOS E VIVIDOS PELOS NARRADORES DO VALE DO GUAPORÉ

Além dos elementos recorrentes nas narrativas dos nossos colaboradores, selecionamos para interpretação do viver entre mundos os aspectos que constituem a vivência plena, o que é definido por Santos Silva (2011), como característica inerente do espaço vivido.

Pontuamos nesta abordagem a cultura como uma das dimensões dos espaços vividos. Por meio dela os indivíduos se representam e se identificam com o grupo social e com o lugar. A cultura é algo que nos constitui como seres humanos. Como afirma Scuro: “a cultura é uma coleção de comportamentos aprendidos, um extenso repositório de condutas consagradas, recriadas e passadas adiante através de gerações e contribuindo para nos diferenciar cada vez mais das outras espécies de animais” (2004, p. 170).

Entre as dimensões culturais se encontra a tradição. O indivíduo se apropria dos costumes tradicionais quase de forma instantânea e passa a vivê-los no seu cotidiano como elemento constituinte de sua identidade pessoal e social. Na sua entrevista, como uma gaúcha por excelência, dona Pereira nos narrou sobre a importância do CTG:

[...] A tradição gaúcha é cultuar os costumes lá do sul, a gente ter uma inverno artística, fazer uma mateada, que é aquela roda de chimarrão né!?, fazer o fandango, commúsica gaúcha, e todo mundo pilchado. A tradição é você cultuar os costumes da sua terra. Não só da gaúcha, mas, lá do nordeste e outras regiões. O intuito do CTG é manter a cultura gaúcha. Trabalhamos também um pouco pela sociedade, porque as pessoas também precisam se divertir. A gente também tem o compromisso de não deixar o CTG “ir por água abaixo” (2012).

A narradora nos relatou sua participação efetiva na criação do CTG, o qual continua a fazer parte da vida dela. O gaúcho, na forma de se auto perceber, é muito comunicativo, o que gera uma aproximação maior entre eles e a garantia da manutenção da tradição, em outros recantos brasileiros, distantes das terras do sul. Na figura 01, abaixo podemos observar como a preocupação com a tradição era algo fundante para o

CTG. Na década de 1990, somente era permitida a entrada no local das pessoas tipicamente trajadas.

Os gaúchos também tiveram que enfrentar certos entraves relacionados à implantação do CTG. No sul esse clube era aberto apenas para os sócios. Quando fundaram o CTG em Rolim de Moura, o local era fechado exclusivamente para as programações gauchescas, mas com o tempo, os associados perceberam que não havia possibilidades de manter a instituição de tal forma. Esse processo de readaptação é relatado por Pereira da seguinte maneira:

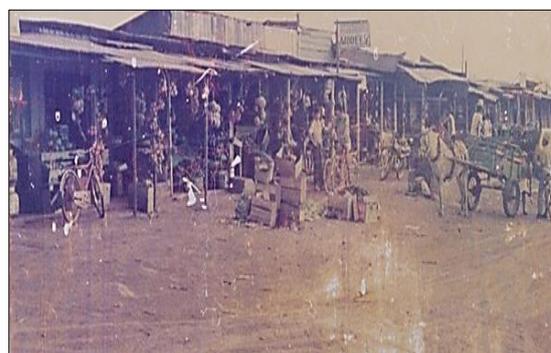
[...]hoje, a gente já conseguiu construir outra história, o CTG já é o maior clube da região aqui [...] e ainda continuo ajudando lá, porque, acho que tenho esse dever. Gaúcho mesmo são poucos, que é bem diferente da cidade de Vilhena que tem bastante. É muito difícil trabalhar com o tradicionalismo aqui, mas a gente vai levando de outras formas, fazendo bailes, eventos e tudo (2012).

Figura 01: Grupo de dança do CTG/RM - 1990.



Fonte: Arquivo pessoal (PEREIRA, 2012).

Figura 02: Feira livre de RM – 1976.



Fonte: site “A foto Rolim” (2012)⁹.

Os sulistas em Rolim de Moura conseguiram marcar presença por outros meios além da manutenção da implantação do CTG. Eles, em função da organização social, acabaram influenciando na definição dos espaços concebidos no município. A exemplo do Bairro Olímpico. De acordo com a colaboradora Pereira:

[...] O presidente do bairro era um gaúcho também, ele morava naquela outra rua ali. Então, a gente participava das reuniões. Quando a gente sabia que era gaúcho, já procurava se comunicar mais. E aí foi dado o nome de Bairro Olímpico. Eu também participei desse nome, mas a sugestão foi do presidente do bairro. O nome dele era Edimundo, não lembro o restante [...] Lá no Rio Grande do Sul tem o Estádio Olímpico [...], aí ele colocou o nome de Bairro Olímpico, em homenagem aquele Estádio (risos). [...] Depois essa rua, quando menos se esperou, foi trocada pra Luiz Rneu Gênova. Dizem que é o nome de uma pessoa, que morava aqui. Mas, eu não tenho nem ideia, nem gosto desse nome, eu acho muito difícil, aí eu uso até hoje o Itaberaba (2012).

⁹ - Este site foi criado por Carlos Neves (atual diretor do site) com o objetivo de divulgar os registros fotográficos referentes a história antiga e atual do município de Rolim de Moura. Disponível em: <<http://www.afotorm.com.br/html/arquivo/historicas/1976.html>>. Acesso em: 25 de novembro de 2013.

A valoração da cultura por meio institucional e a organização social são elementos identitários dos migrantes sulistas em Rolim de Moura. Os nordestinos, de forma diferente, interferiram na configuração do espaço rolimourense por meio do trabalho agrícola. Muitos desses moradores das linhas sobreviveram por meio da agricultura familiar e, ainda hoje abastecem as populares feiras da cidade. O senhor Silva afirma:

[...] aqui a gente plantava e via a produção, aí a gente tinha que se contentar e animar a ficar né!?. [...] A gente sofreu muito, mas quando chegamo aqui, eu vi que tudo no mundo, a fartura aqui era muito grande. [...] Chovia bastante, em todo canto que você plantava, qualquer tipo de coisa, nascia e produzia (2012).

A feira livre de produtos em Rolim Moura (ver figura 02 na página anterior) ocorria na principal avenida da cidade, na época a “25 de agosto”. Naquela localidade as pessoas vendiam gêneros alimentícios de primeira necessidade, roupas, sapatos, utensílios, etc. A feira era composta por feirantes de toda a região da zona da mata, tanto pequenos produtores rurais, quanto comerciantes que vislumbram a aquisição da renda familiar ou de lucro por meio do comércio.

O fluxo de pessoas que percorria a feira popular era intenso, devido à variedade de produtos encontrados e pela própria condição de centralidade de Rolim de Moura, que até os dias atuais é considerada a capital da zona da mata.

Tanto nordestinos quanto os sulistas se encantavam com a variedade e quantidade de produção agrícola em Rondônia. Segundo Pereira: “[...] hoje, eu tenho o maior orgulho de saber da culinária daqui, que é o que eu faço muito, quando eu vou pro Rio Grande do Sul” (2012). A convivência entre diferentes culturas permitiu mudanças no jeito de falar, se alimentar, vestir, e morar. Nesse processo de reterritorialização muitos hábitos e costumes da população local foram internalizados pelos migrantes e, vice versa.

Para os migrantes da região nordeste Rondônia foi divulgada como a última fronteira a ser desbravada. Ao contrário dos sulistas que carregavam o sonho de regresso a terra natal. No entanto, depois de mais de quatro décadas de vivências, tantos nordestinos e sulistas se reterritorializaram no espaço rolimourense e passaram a se identificar com o lugar que ajudaram a construir.

[...] Ai a gente vai trabalhando, trabalhando, eu dava aula, tinha escritório de contabilidade, a gente tinha empresa, trabalhamos muito. Eu trabalhava de manhã, de tarde e de noite. Eu digo, que hoje eu não trabalho mais, graças a Deus. Porque eu já fiz tudo que tinha pra fazer, e [...], mas também não me arrependo, foi tudo muito gostoso, foi maravilhoso fazer parte do processo do início da cidade (PEREIRA, 2012).

Na atualidade, o sentimento de orgulho e pertencimento a cidade de Rolim de Moura unem os migrantes nordestinos e sulistas, embora o reconhecimento social recaia

apenas para o segundo grupo. O regresso agora é percebido apenas como um breve momento de encontro com amigos e familiares. O senhor Silva relata:

[...] vontade de volta pra morar lá, tenho mais não, de jeito nenhum, de jeito nenhum mesmo [...] porque lá eu sei, eu conheço mesmo, e aí aqui também eu já conheço né!?. [...] Mas valeu a pena mesmo, cem por cento, porque só Deus que deu essa loucura na minha cabeça de eu vir praqui. Foi uma das loucura boa que eu fiz. [...] Graças a Deus. [...] porque esse mundão ficou pra nós mesmo (2012).

Os indivíduos que migraram para o município de Rolim de Moura, que formaram a frente de expansão e a frente pioneira, conquistaram o sonho da terra prometida por meio de muito esforço, trabalho e sacrifício. De forma organizada, a exemplo do CTG ou de forma individual, mas com muita perseverança se mostraram capazes de construir a própria história e a história de um município próspero, que inicialmente fora planejado pelo INCRA para ser apenas um núcleo da cidade de Cacoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os motivos que influenciaram a migração para o Estado de Rondônia, tanto de ordem governamental ou pessoal foram muitos. Os aspectos econômicos, sociais e culturais vivenciados pelos nordestinos e sulistas desde a viagem da cidade de natal até a chegada e permanência no município de Rolim de Moura, apresentados nesta abordagem, representam apenas uma ínfima parte da complexidade da totalidade do processo de colonização e ocupação da região.

No início do processo de colonização desse município os conflitos foram inevitáveis, pois a extensão de terra que o INCRA deduziu para realizar o assentamento dos colonos era menor do que a demanda reprimida. A frente de expansão, que chegou primeiro, abriu as estradas para a entrada do capital, o qual ao se instalar na localidade precisou expulsar muitos migrantes da frente expansão para manter o monopólio da terra.

Depois de quatro décadas de ocupação territorial não são travados conflitos diretos e desvelados entre os antigos migrantes, fazendeiros, pioneiros, agricultores, latifundiários e pequenos produtores pela posse da terra. Este processo continua presente nas novas frentes de expansão pelo Brasil afora. Em Rolim de Moura, a ideia do “espaço vazio” a ser ocupado se materializou.

Os migrantes do nordeste e do sul, duas regiões extremas do país, passaram a viver entre mundos, no meio do caminho. Expulsos da terra natal carregaram consigo sua identidade, cultura e o modo de perceber o mundo. Na atualidade, a vivência entre dois

mundos se desvanece pouco a pouco pelas águas das chuvas torrenciais da floresta amazônica. O estado natal dos migrantes configura apenas em suas memórias, ativadas pelas suas narrativas de história de vida.

Os sulistas que inicialmente expressavam o desejo de voltar á terra natal, juntos com os nordestinos, que migraram para Rondônia somente com a perspectiva de garantir a sobrevivência da família, agora se deleitam com a chegada da primeira geração de rolimourenses. Os migrantes prosperaram. Os jovens que cresceram ouvindo as histórias de seus pais, em geral, não vislumbram outros estados como referência de mudança de vida. Os filhos dos migrantes já não terão que repetir a histórias de seus antepassados.

Os registros e interpretações das narrativas dos nordestinos e sulistas que migraram para Rondônia nos primeiros anos de colonização, a nosso ver, são necessários para que as histórias de vida dos narradores do Vale do Guaporé não se percam no vale do esquecimento. Conhecer os lugares, suas histórias e a história de suas gentes é condição *sinequa non* para se intensificar o sentimento de pertencimento ao lugar, o qual constituímos e, somos por ele constituídos.

NORTHEASTERN AND SOUTHERN: MEDIATIONS OF THE LIVING BETWEEN WORLDS IN ROLIM DE MOURA (RO)

Abstract: This article presents an approach to (re) construction of the world perceived and experienced by Southerners and Northeasterners , individuals from distant places and cultures , but united by the migratory process of Rolim de Moura (RO). Several northeastern formed the front group expansion, on the other hand , Southerners formed the pioneer front (MARTINS , 2009) . Among the elements to be presented include : conceptions , representations , imaginary and practices experienced by Northeasterners and Southerners during the migration process and the occupational territory of Rolim de Moura , through the narratives of life histories based on procedures Oral History (MEIHY , NETHERLANDS , 2007) . Thus, we seek to understand the geographical spatiality contained in these narratives and identify the cultural influences the formation of these groups rolimourense municipality.

Keywords: Migration, Rolim de Moura, Oral History.

Referências

HAESBAERT, Rogerio. *Concepções de território para entender a desterritorialização*. In: Território territórios. Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF UFF/AGB,2002.

LOPES, João Batista. *Os cacaieiros anônimos e a conquista de Rondônia*. Rolim de Moura – RO: Designer Gráfica, 2005.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLALNDA, Fabiola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MONDARDO, R. M.; SANTOS, C. A. G. Revista OKARA: *Geografia em debate*. V.1, N.2, p. 1-128, 2007. ISSN 1982-3878. João Pessoa, PB: DGEOC/CCEN/UFPB. Disponível in: <<http://www.okara.ufpb.br>>. Acesso em: 30 maio de 2013.

PEREIRA, Marta Amarilho Pereira. *História de vida*. Entrevista realizada durante trabalhos de campo no decorrer do ano de 2012. GEAM/UNIR/RO, 2012

SANTOS SILVA, Avacir Gomes dos Santos. *Culturas desviantes: as espacialidades das comunidades ribeirinhas do Valle do Guaporé (Rondônia)*. Tese. Universidade de Federal de Goiás/UFG, 2011.

SILVA, José Alves da. *História de vida*. Entrevista realizada durante trabalhos de campo no decorrer do ano de 2012. GEAM/UNIR/RO, 2012.

SCURO, Pedro. *A Sociologia: ativa e didática: Um convite ao estudo da ciência do mundo moderno*. São Paulo: Saraiva, 2004.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a Subjetividade - Estatísticas e Fontes Oraís. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

SOBRE AS AUTORAS

JOELMA RENATA NUNES DA SILVA. É acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, Campus Rolim de Moura bolsista do Programa de iniciação científica (PIBIC) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas de Espacialidades Amazônicas – GEAM.

FERNANDA ALEXANDRE. É Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – UFG, professora de Geografia da Rede Pública Estadual de Rondônia e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas de Espacialidades Amazônicas – GEAM.

AVACIR GOMES DOS SANTOS SILVA. É Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – UFG, professora da Universidade Federal de Rondônia, Campus Rolim de Moura e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas de Espacialidades Amazônicas – GEAM.

Recebido para avaliação em 13 de novembro de 2013

Aceito para publicação em 15 de Dezembro de 2013